

1

Decorria por esta altura nos círculos superiores de Petersburgo, com mais ardor do que nunca, uma complexa luta entre os partidos de Rumiântsev, dos pró-franceses, de Maria Feodorovna, do príncipe herdeiro e de outros, com o habitual acompanhamento do zumbido dos zângãos da corte. Porém, a vida petersburguense, calma, luxuosa, preocupada apenas com fantasmas e reflexos da realidade, corria como de costume; e, dada a rotina de tal vida, eram necessários grandes esforços para se atingir a consciência do perigo e da situação difícil em que se encontrava o povo russo. Continuavam as mesmas recepções reais, os mesmos bailes, o mesmo teatro francês, os mesmos interesses das cortes, os mesmos interesses de carreira, as mesmas intrigas. Apenas nos círculos mais altos as pessoas se forçavam a lembrar a dificuldade da actual situação. Contava-se em susurro como eram contrários os procedimentos das duas imperatrizes quanto à difícil situação. A imperatriz Maria Feodorovna, preocupada com o bem-estar das instituições de caridade e de educação de que era tutora, deu ordens atinentes à evacuação destas instituições para Kazan, pelo que os pertences delas já estavam preparados para a viagem. Ora, a imperatriz Elisaveta Alekséevna, à pergunta de que ordens se dignava a dar, respondeu, com o seu patriotismo russo muito próprio, que não podia dar ordens relativamente às instituições públicas, porque isso era prerrogativa do imperador; quanto ao que dependia dela pessoalmente, afirmou que seria a última pessoa a sair de Petersburgo.

No salão de Anna Pávlovna, no dia 26 de Agosto, dia da batalha de Borodinó, decorria um serão cuja flor seria a leitura da carta do reverendíssimo, escrita para acompanhar o envio a sua majestade do ícone de Santo Sérgui. Esta carta era considerada uma amostra

— *Nous appartenons à des camps différents, mais cela ne m'empêche pas de l'estimer comme elle le mérite. Elle est bien malheureuse*² — acrescentou.

Supondo que Anna Pávlovna, com as suas palavras, levantara um pouquinho a cortina sobre a doença da condessa, um jovem imprudente tomou a liberdade de exprimir o seu espanto por não terem sido chamados à sua cabeceira médicos conhecidos e a condessa estar a ser tratada por um charlatão que poderia, até, prescrever-lhe remédios perigosos.

— *Vos informations peuvent être meilleures que les miennes* — replicou bruscamente Anna Pávlovna, num tom venenoso, ao jovem inexperienced. — *Mais je sais de bonne source que ce médecin est un homme très savant et très habile. C'est le médecin intime de la Reine d'Espagne.*³ — Tendo assim arrumado o jovem, Anna Pávlovna voltou-se para Bilíbin que, noutro grupo, franzia e desfranzia as rugas da testa preparando *un mot*⁴; falava-se dos austríacos.

— *Je trouve que c'est charmant*⁵ — dizia ele a propósito de um documento diplomático que acompanhava a devolução a Viena das bandeiras austríacas tomadas por Wittgenstein, *le héros de Péteropol*⁶ (como lhe chamavam em Petersburgo).

— Como? Como é isso? — perguntou-lhe Anna Pávlovna para interromper as conversas e deixar Bilíbin introduzir *le mot* que ela já conhecia.

E Bilíbin reproduziu as palavras da missiva diplomática, palavras que, aliás, ele próprio tinha composto.

— *L'Empereur renvoie les drapeaux autrichiens, drapeaux amis et égarés qu'il a trouvés hors de la route.*⁷ — E Bilíbin desenrugou a pele da testa.

— *Charmant, charmant!*⁸ — exclamou o príncipe Vassíli.

² — O velho conde é comovente, ao que consta. Chorou como uma criança quando o médico lhe disse que o caso era perigoso.

... Oh, seria uma perda terrível. É uma mulher encantadora.

— Falam da pobre condessa [...] Mandei saber notícias dela. Disseram-me que ela estava um pouco melhor. Oh, sem dúvida, é a mulher mais encantadora do mundo [...] Pertencemos a campos diferentes, mas isso não impede que eu a estime como ela merece. É muito infeliz. (fr.)

³ As suas informações podem ser melhores que as minhas [...] Mas sei de boa fonte que este médico é um homem muito sábio e muito hábil. É o médico pessoal da rainha de Espanha. (fr.)

⁴ [...] um dito espirituoso. (fr.)

⁵ Eu acho que é delicioso. (fr.)

⁶ [...] o herói de Petrópole. (fr.)

⁷ O imperador devolve as bandeiras austríacas, bandeiras amigas e perdidas que ele encontrou fora da estrada. (fr.)

⁸ Delicioso, delicioso. (fr.)

— *C'est la route de Varsovie peut-être*⁹ — disse de rompante o príncipe Ippolit em voz alta. Toda a gente se virou para ele, sem perceber o que queria ele dizer com aquilo. O próprio príncipe Ippolit, também com espanto, olhava alegremente à sua volta. Tal como os outros, não compreendia o significado das palavras que pronunciara. O príncipe Ippolit, no decurso da sua carreira diplomática, já tinha reparado que estas tiradas, ditas assim de repente, resultavam por vezes muito espirituosas, e então, para o que desse e viesse, dissera as primeiras palavras que lhe tinham chegado à língua. «Talvez resulte muito bem — pensava — mas, se não resultar, eles lá se amanhã.» De facto, no momento em que caiu um silêncio embaraçoso, entrou a tal pessoa insuficientemente patriótica que Anna Pávlovna esperava e que ela fazia questão de reeducar; então, a anfitrião, depois de ameaçar o príncipe Ippolit com o dedo, convidou o príncipe Vassíli a aproximar-se da mesa e, tendo-lhe chegado duas velas e a carta, pediu-lhe que desse início à leitura. Fez-se silêncio.

— «Vossa majestade, imperador misericordioso — proferiu com rigor o príncipe Vassíli e passou o olhar pelo público, como que a perguntar se alguém tinha alguma coisa contra. Ninguém disse nada. — A nossa antiga capital Moscovo, a Nova Jerusalém, recebe o *seu* Cristo — acentuou bruscamente o pronome *seu* — como uma mãe recebe nos seus braços os filhos zelosos e, através das trevas, prevendo a glória brilhante do país, canta arrebatada: "Hossana, bendito seja o teu advento!"» — E o príncipe Vassíli pronunciou estas últimas palavras em voz chorosa.

Bilíbin examinava com atenção as unhas, e muitos dos ouvintes estavam visivelmente intimidados, como que interrogando-se sobre a culpa que, afinal, tinham. Anna Pávlovna, como se fosse uma velha oração da comunhão, já formulava na cabeça o que iria seguir-se: — «Que o atrevido e descarado Golias...» — sussurrava ela.

O príncipe Vassíli continuou:

— «Que o atrevido e descarado Golias traga das paragens de França para as terras da Rússia o terror mortífero; a fé resignada, esta funda do David russo, derrubará de chofre a cabeça do seu orgulho sanguíneo. Eis a imagem do Santo Sérgui, antigo zelador do bem da nossa pátria, levado às mãos de vossa majestade imperial. Lamento que as minhas forças enfraquecidas impeçam que me deleite com a contemplação de vossa majestade. Envio aos céus as minhas orações calorosas, e que o Todo-Poderoso engrandeça a raça dos justos e cumpra para o bem os desejos de vossa majestade.»

⁹ É talvez a estrada de Varsóvia. (fr.)

— *Quelle force! Quel style!*¹⁰ — exclamava-se de todos os lados, sendo os louvores dirigidos tanto ao leitor como ao autor. Inflammados com este discurso, os convidados de Anna Pávlovna falaram ainda durante muito tempo sobre a situação da pátria, fazendo suposições várias sobre o desfecho da batalha que deveria ser travada nos dias mais próximos.

— *Vous verrez*¹¹ — disse Anna Pávlovna — que amanhã, dia do aniversário do imperador, teremos novidades. Tenho bons pressentimentos.

¹⁰ Que força! Que estilo! (fr.)

¹¹ Vão ver. (fr.)

2

Os pressentimentos de Anna Pávlovna cumpriram-se. No dia seguinte, durante o *Te Deum* no palácio por motivo do aniversário de sua majestade, o príncipe Volkônski estava na igreja e foi chamado lá fora para lhe ser entregue um sobrescrito do príncipe Kutúzov. Tratava-se do relatório de Kutúzov, feito em Tatarinovo, no próprio dia da batalha. Escrevia Kutúzov que os russos não tinham recuado nem um passo, que as baixas entre os franceses eram superiores às nossas, que estava a escrever à pressa em pleno campo de batalha sem tempo de anexar os últimos dados. Pelo que tudo indicava, era a vitória. Logo, sem saírem do templo, foram dadas graças ao Criador pela Sua ajuda e pela vitória.

Verificou-se pois que o pressentimento de Anna Pávlovna estava certo, e na cidade, durante toda a manhã, os ânimos reinantes eram festivos e alegres. Todos reconheciam que a vitória era definitiva, havendo até quem falasse da captura do próprio Napoleão, da sua queda e da eleição de um novo chefe de Estado em França.

Longe dos acontecimentos reais e nas condições de vida cortesã é bastante difícil avaliar os acontecimentos em toda a sua força e plenitude. Involuntariamente, os acontecimentos gerais agrupam-se em volta de um caso particular. Assim, no momento, a alegria principal dos cortesãos centrava-se na vitória, sim, mas também no facto de a sua notícia ter calhado no dia do aniversário do imperador. Era como se de uma boa surpresa se tratasse. No relatório de Kutúzov falava-se também das baixas no exército russo, figurando entre elas os nomes de Tutchkov, Bagration, Kutáissov. Mais uma vez, este lado triste do acontecimento centrou-se involuntariamente, no mundo petersburguense, num único caso: a morte de Kutáissov. Todos o conheciam, o imperador gostava dele, era jovem e interessante. Neste dia, todos os que se encontravam diziam:

— Que coincidência espantosa! A meio do *Te Deum*. E que perda, o Kutáissov! Ah, que pena!

— Então, o que tinha eu dito de Kutúzov? — gabava-se agora o príncipe Vassíli com um orgulho de profeta. — Eu sempre disse que ele era o único capaz de vencer Napoleão.

Porém, no dia seguinte não houve notícias do exército e a opinião geral era já de preocupação. Os cortesãos sofriam com o pesar e com a indefinição por que passava o imperador.

— Vejam a situação de sua majestade! — diziam, e já não engrandeciam Kutúzov, como na véspera, mas censuravam-no, acusando-o de ser a causa da preocupação do imperador. O príncipe Vassíli já não se gabava do seu *protégé* Kutúzov e guardava silêncio quando o nome do comandante-em-chefe vinha à baila. Além disso, no final da tarde, foi como se tudo se concentrasse para lançar a preocupação e o desassossego entre os petersburguenses: surgiu uma notícia medonha. A condessa Elena Bezúkhova havia sucumbido repentinamente àquela doença terrível que era tão divertido mencionar. Oficialmente, dizia-se nos círculos mais amplos que a condessa Bezúkhova morrera de um ataque fulminante de *angine pectorale*, mas nos círculos mais íntimos contavam-se pormenores de como *le médecin intime de la Reine d'Espagne* receitou a Héléne pequenas doses de um medicamento que produziria determinado efeito, e que Héléne, atormentada pelas suspeitas do velho conde e por o marido não lhe responder a uma carta (esse desgraçado e depravado Pierre), tomou de uma vez uma quantidade enorme do medicamento receitado e morreu em grande sofrimento antes de lhe terem podido valer. Contava-se ainda que o príncipe Vassíli e o velho conde tentaram acusar o italiano; este, porém, mostrou-lhes uns bilhetinhos tão comprometedores da desgraçada defunta que os outros o deixaram imediatamente em paz.

A conversa geral centrava-se agora em volta de três acontecimentos tristes: a incerteza em que se encontrava o imperador, a morte de Kutáissov e a morte de Héléne.

Três dias após a recepção do relatório de Kutúzov, chegou a Petersburgo um proprietário rural de Moscovo com a notícia da entrega de Moscovo aos franceses, notícia que logo se propagou por toda a cidade. Era terrível! Kutúzov passou a ser um traidor, e o príncipe Vassíli, nas *visites de condoléance*¹² que lhe faziam pelo falecimento de sua filha, falando do Kutúzov que antes glorificava, dizia que era impossível esperar outra coisa da parte de um velho cego e depravado (perdoava-se-lhe que, no meio da sua amargura, ele tivesse esquecido o que afirmava havia pouco ainda).

¹² [...] visitas de pêsames [...]. (fr.)

— Surpreende-me como foi possível ter confiado a uma pessoa destas os destinos da Rússia.

Enquanto a notícia não era oficial, ainda se podia duvidar dela, mas no dia seguinte chegou o relatório do conde Rastoptchin:

«O ajudante-de-campo do príncipe Kutúzov trouxe-me uma carta em que me são exigidos oficiais de polícia para acompanhar o exército até à estrada de Riazan. Diz que lamenta, mas que Moscovo é abandonada. Vossa majestade! O acto de Kutúzov resolve o destino da capital e do Vosso império. A Rússia tremerá ao saber da entrega da cidade em que reside a grandeza da Rússia e onde jazem os restos mortais dos Vossos antepassados. Vou atrás do exército. Evacuei tudo, resta-me chorar o destino da minha pátria.»

Ao receber este relatório, o imperador mandou a Kutúzov, pelo príncipe Volkônski, o seguinte rescrito:

«Príncipe Mikhail Illariónovitch! Desde 29 de Agosto que não recebo quaisquer relatórios seus. Entretanto, no dia 1 de Setembro, recebi de Iaroslavl, da parte do comandante-em-chefe de Moscovo, a triste notícia de que o senhor decidira abandonar com todo o exército a cidade de Moscovo. Pode imaginar a impressão que me causou tal notícia, e o seu silêncio ainda faz crescer mais o meu espanto. Mando-lhe esta carta por mão do general ajudante-de-campo príncipe Volkônski para que me remeta informações sobre a situação do exército e me explique as razões que o levaram a tomar esta triste decisão.»

3

Nove dias após a queda de Moscovo, um enviado de Kutúzov levou a Petersburgo a notícia oficial do abandono da cidade. Este enviado era o francês Michaux que não falava russo mas que era *quoique étranger, Russe de cœur et d'âme*¹³, como ele próprio dizia.

O imperador recebeu-o imediatamente no seu gabinete de trabalho, no palácio da Ilha Kámenni. Michaux, que nunca tinha visto Moscovo antes da guerra e não sabia russo, sentiu pois grande emoção por comparecer perante *notre très gracieux souverain*¹⁴ (como escreveu mais tarde) com a notícia do incêndio de Moscovo, *dont les flammes éclairaient sa route*¹⁵.

— *M'apportez-vous de tristes nouvelles, colonel?*

— *Bien tristes, Sire* — respondeu Michaux com um suspiro e, baixando os olhos, acrescentou: — *l'abandon de Moscou.*

— *Aurait-on livré mon ancienne capitale sans se battre?*¹⁶ — disse muito depressa o imperador, ficando vermelho de repente.

Michaux transmitiu respeitosamente o que lhe fora mandado transmitir por Kutúzov, ou seja, que não havia a possibilidade de combater nos arredores de Moscovo e que, como a única alternativa era perder, ou apenas Moscovo, ou tanto o exército como Moscovo, o marechal-de-campo teve de escolher o primeiro.

O imperador ouvia em silêncio, sem olhar para Michaux.

¹³ [...] embora estrangeiro, russo de alma e coração. (fr.)

¹⁴ [...] o nosso muito misericordioso soberano. (fr.)

¹⁵ [...] cujas chamas lhe iluminavam o caminho. (fr.)

¹⁶ — Traz-me notícias tristes, coronel?

— Muito tristes, majestade [...] o abandono de Moscovo.

— Teriam entregue a minha antiga capital sem se baterem? (fr.)

— *L'ennemi est-il entré en ville?* — perguntou.

— *Oui, Sire, et elle est en cendres à l'heure qu'il est. Je l'ai laissée toute en flammes*¹⁷ — disse Michaux em tom resolutivo; porém, olhando para sua majestade, aterrorizou-se com a reacção do imperador. Este começou a respirar com dificuldade, aos sacões rápidos, o lábio inferior tremia-lhe, os seus magníficos olhos azuis estavam banhados em lágrimas.

Mas isso durou apenas um momento. O imperador, de repente, carregou o sobrolho, como censurando a si mesmo aquela sua fraqueza. E, levantando a cabeça, dirigiu-se a Michaux, falando com firmeza.

— *Je vois, colonel, par tout ce qui nous arrive, que la Providence exige des grands sacrifices de nous... Je suis prêt à me soumettre à toutes Ses volontés; mais dites-moi, Michaux, comment avez-vous laissé l'armée, en voyant ainsi sans coup férir abandonner mon ancienne capitale? N'avez-vous pas aperçu du découragement?*¹⁸

Ao ver o seu *très gracieux souverain* recuperar a calma, Michaux também se acalmou, mas ainda não tinha preparada uma resposta à pergunta directa e substancial do imperador.

— *Sire, me permettez-vous de vous parler franchement en loyal militaire?*

— disse para ganhar tempo.

— *Colonel, je l'exige toujours* — disse o imperador. — *Ne me cachez rien. Je veux savoir absolument ce qu'il en est.*

— *Sire* — começou Michaux, com um sorriso fino, quase imperceptível, tendo tido tempo de preparar a sua resposta, na forma de *un jeu de mots* ao mesmo tempo ligeiro e respeitoso. — *Sire, j'ai laissé toute l'armée depuis les chefs jusqu'au dernier soldat, sans exception, dans une crainte épouvantable, effrayante...*

— *Comment ça?* — interrompeu-o com severidade o imperador, de cara emsombreada. — *Mes Russes se laisseront-ils abattre pour le malheur... Jamais!*¹⁹

¹⁷ — O inimigo entrou na cidade? [...]

— Sim, majestade, e neste momento está em cinzas. Quando a deixei, estava toda em chamas. (fr.)

¹⁸ Vejo, coronel, por tudo o que nos está a acontecer, que a Providência nos exige grandes sacrifícios... Estou pronto a submeter-me a todas as Suas vontades; mas diga-me, Michaux, como deixou o exército, vendo-o assim abandonar a minha antiga capital sem resistência? Não se apercebeu de desencorajamento? (fr.)

¹⁹ — Permitirá Vossa Majestade que lhe fale francamente como leal militar? [...]

— Coronel, exijo-o sempre [...] Não me esconda nada. Quero saber absolutamente como estão as coisas.

— Vossa Majestade [...] Vossa Majestade, deixei todo o exército, desde os chefes ao último soldado, sem excepção, num estado de medo pavoroso, medonho...

— Como assim? [...] Os meus russos deixarem-se abater assim pela desgraça... Nunca! (fr.)

Era isso que Michaux esperava para introduzir o seu jogo de palavras.

— *Sire* — disse ele com uma jovialidade respeitosa —, *ils craignent seulement que Votre Majesté, par bonté de cœur, ne se laisse persuader de faire la paix. Ils brûlent de combattre* — continuou o plenipotenciário do povo russo — *et de prouver à Votre Majesté par le sacrifice de leur vie, combien ils lui sont dévoués...*

— Ah! — disse o imperador tranquilizado, com um brilho amigável nos olhos, e deu uma pancadinha no ombro de Michaux. — *Vous me tranquillisez, colonel.*²⁰

O imperador, baixando a cabeça, ficou algum tempo em silêncio.

— *Eh bien, retournez à l'armée* — disse ele a Michaux com um gesto afável e majestoso, erguendo-se em toda a sua estatura. — *Et dites à nos braves, dites à tous mes bons sujets, partout où vous passerez, que quand je n'aurai plus aucun soldat, je me mettrai moi-même à la tête de ma cher noblesse, de mes bons paysans et j'userai ainsi jusqu'à la dernière ressource de mon empire. Il m'en offre encore plus que mes ennemis ne pensent* — continuou, animando-se cada vez mais. — *Mais si jamais il fut écrit dans les décrets de la Divine Providence* — (ergueu os seus belos olhos doces, brilhantes de emoção) — *que ma dynastie dût cesser de régner sur le trône de mes ancêtres, alors, après avoir épuisé tous les moyens qui sont en mon pouvoir, je me laisserai croître la barbe jusqu'ici* (o imperador apontou o meio do seu peito), *et j'irai manger des pommes de terre avec le dernier de mes paysans plutôt que de signer la honte de ma patrie et de ma chère nation, dont je sais apprécier les sacrifices!...*²¹ — Pronunciando estas palavras em voz emocionada, o imperador virou de repente as costas a Michaux, como que para esconder as lágrimas que lhe marejavam os olhos, e caminhou até ao fundo do gabinete. Deixando-se ficar ali uns instantes, voltou para junto de Michaux numa passada larga e, num gesto forte,

²⁰ — Vossa Majestade [...] eles temem apenas que Vossa Majestade, por bondade de coração, se deixe convencer a fazer a paz. Eles ardem no desejo de combater [...] e de provar a Vossa Majestade, com o sacrifício das suas vidas, como lhe são devotados... [...]

— [...] O senhor tranquiliza-me, coronel. (fr.)

²¹ — Pois bem, volte para junto do exército [...] E diga aos nossos bravos soldados, diga a todos os meus bons súbditos, por onde quer que passe, que quando eu já não tiver mais um soldado, eu próprio me porei à frente da minha querida nobreza, dos meus bons camponeses e utilizarei assim até ao último recurso do meu império. Ele ainda me oferece mais do que os meus inimigos pensam [...] Mas se porventura estiver escrito nos decretos da Divina Providência [...] que a minha dinastia deve cessar de reinar no trono dos meus antepassados, então, depois de ter esgotado todos os meios que estão ao meu alcance, deixarei crescer a barba até aqui [...] e antes irei comer batatas com o último dos meus camponeses que assinarei a vergonha da minha pátria e da minha querida nação, de que sei apreciar os sacrifícios!... (fr.)

apertou-lhe o antebraço. O rosto belo e meigo de sua majestade estava vermelho, os olhos luziam-lhe com o brilho da firmeza e da ira.

— *Colonel Michaux, n'oubliez pas ce que je vous dis ici; peut-être qu'un jour nous nous le rappellerons avec plaisir... Napoléon ou moi* — disse o imperador, pondo a mão no peito. — *Nous ne pouvons plus régner ensemble. J'ai appris à le connaître, il ne me trompera plus...*²²

E o imperador, de catadura sombria, calou-se. Ao ouvir tais palavras, ao ver a expressão de firme determinação nos olhos do imperador, Michaux, *quoique étranger, mais Russe de cœur et d'âme*, sentiu-se neste momento solene *enthousiasmé par tout ce qu'il venait d'entendre*²³ (como diria mais tarde), e exprimiu os seus próprios sentimentos e os do povo russo, de que se considerava porta-voz, nos termos seguintes:

— *Sire, Votre Majesté signe dans ce moment la gloire de sa nation et le salut d'Europe!*²⁴

O imperador, com um aceno de cabeça, despediu Michaux.

²² Coronel Michaux, não se esqueça do que lhe estou a dizer aqui; talvez um dia o recordemos com prazer... Napoleão ou eu [...] Já não poderemos reinar juntos. Aprendi a conhecê-lo, já não me engana mais... (fr.)

²³ [...] entusiasmado com tudo o que tinha acabado de ouvir. (fr.)

²⁴ Vossa majestade está a firmar neste momento a glória da sua nação e a salvação da Europa! (fr.)

4

Num tempo em que metade da Rússia estava ocupada pelo inimigo, os habitantes de Moscovo tinham fugido para as províncias longínquas e os destacamentos da milícia, uns atrás dos outros, se levantavam em defesa da pátria, a nós, que não vivemos naquele tempo, afigura-se-nos que todos os russos, dos mais novos aos mais velhos, apenas alimentavam o desejo de auto-sacrifício e de salvação da pátria, ou, então, se lamentavam pelo seu perecimento. As histórias e as descrições daquele tempo, todas sem exclusão, falam apenas do auto-sacrifício, do amor pela pátria, do desespero, da amargura e do heroísmo dos russos. Na realidade, não era bem assim. Esta nossa ilusão acontece no passado somente o interesse histórico comum daquela época e não todos os interesses humanos que as pessoas tinham. Entretanto, na vida real, os interesses pessoais do quotidiano sobrepõem-se de tal modo aos interesses colectivos que por trás deles nunca se sente (nem sequer se distingue) o interesse comum. A maioria das pessoas daquela época não davam qualquer atenção ao decurso geral dos acontecimentos, guiando-se apenas pelos seus interesses pessoais do momento. E eram essas pessoas as mais actuautes e úteis daquele tempo.

Ora, os que tentavam compreender o decurso geral dos acontecimentos e participar neles com o auto-sacrifício e o heroísmo eram os membros mais inúteis da sociedade; viam tudo ao avesso, e tudo o que faziam para serem úteis se saldava numa absurdez sem préstimo, como os regimentos de Pierre e de Mamónov que assaltavam as aldeias russas, como as ligaduras e as carpeaduras feitas pelas senhoras, que nunca chegavam até aos feridos, etc. Mesmo aqueles que, gostando de filosofar e exprimir os seus sentimentos, raciocinavam sobre a situação da Rússia, tinham sempre nos seus discursos um toque de

fingimento ou de mentira, ou de censura e de raiva estéreis em relação às pessoas acusadas de coisas em que a culpa não podia ser de ninguém. O que mais ressalta dos acontecimentos históricos é a impossibilidade de se provar o fruto da árvore do conhecimento. Apenas a actividade inconsciente dá resultados, e o homem que desempenha um papel num acontecimento histórico nunca compreende o seu significado; e, se tentar compreendê-lo, o seu esforço é atingido de esterilidade.

O significado do acontecimento que se deu naquela altura em Moscovo era tanto menos visível quanto mais directa era a participação nele. Em Petersburgo e nos centros provinciais distanciados de Moscovo, as senhoras e os homens com fardas da milícia choravam a Rússia e a capital, e falavam de auto-sacrifício, etc.; mas no exército que recuava de Moscovo quase não se falava nem se pensava em Moscovo, e, olhando para o incêndio da cidade, ninguém jurava vingar-se dos franceses, apenas se pensava no próximo terço da soldada, na próxima paragem, na vivandeira Matriochka e em coisas semelhantes...

Nikolai Rostov, sem qualquer intenção de auto-sacrifício, mas, por puro acaso, só porque a guerra começara estando ele no exército, participou directa e duradouramente na defesa da pátria e, por isso, olhava para o que se passava na Rússia sem desespero e sem previsões sombrias. Se lhe perguntassem o que pensava da situação do momento na Rússia, diria que não pensava nada nem tinha de pensar, que para isso existia Kutúzov e os outros, mas que ouvia falar de que estavam a completar os regimentos e que, pelos vistos, haveria ainda combates durante muito tempo, e que, tal como estava a situação, não seria de admirar que no espaço de dois anos ele fosse promovido a comandante de regimento.

Então, como via as coisas dessa maneira, ao receber a ordem de ir em comissão de serviço buscar cavalos a Vorónej aceitou isso não só sem ressentimento por não participar na última batalha, mas, pelo contrário, com grande prazer, que não escondia dos seus camaradas e que eles compreendiam muito bem.

Alguns dias antes da batalha de Borodinó, Nikolai recebeu o dinheiro e os papéis e, mandando adiante os hussardos, partiu para Vorónej na diligência da posta.

Só quem tivesse feito tropa, isto é, quem tivesse passado meses seguidos no ambiente da vida militar, poderia compreender o prazer que Nikolai sentiu ao sair da área ocupada pelas tropas, com os seus transportes de forragens e provisões, com o seus hospitais; quando ele, sem soldados, sem carroças, sem as marcas sujas dos acampamentos, viu as

aldeias com os seus mujiques e as suas camponesas, os solares dos senhores, os prados com o gado a pastar, as casas das estações de muda com os seus chefes adormecidos, sentiu-se tão feliz como se visse tudo pela primeira vez na vida. O que lhe causava mais admiração e mais o alegrava eram, sobretudo, as mulheres, jovens e sadias que, sem as dezenas de oficiais a cortejarem cada uma delas, se mostravam agora muito contentes por um oficial de passagem brincar com elas.

Foi num estado de espírito muito alegre que Nikolai chegou, de noite, a uma estalagem de Vorónej, encomendando tudo aquilo de que se vira privado durante tanto tempo no exército e, no dia seguinte, tendo-se barbeado cuidadosamente e vestido o uniforme de gala, que havia muito não usava, foi apresentar-se aos chefes.

O comandante das milícias era um general no civil, um homem velho que estava visivelmente deliciado com o seu título e o seu cargo militares. Recebeu Nikolai com severidade (pensando que era isso que, em termos militares, mais convinha) e, num tom acintoso, como se tivesse esse direito e como se tivesse de decidir sobre o curso geral das coisas, aprovando e não aprovando, pôs-se a interrogá-lo. Nikolai estava tão bem-disposto que tudo isso apenas o divertia.

A seguir ao comandante das milícias, foi a casa do governador. O governador era um homenzinho animado, muito carinhoso e simples. Indicou a Nikolai as coudelarias onde este podia arranjar cavalos, recomendou-lhe um alquilador da cidade e um proprietário rural a vinte verstás da cidade que tinha os melhores cavalos e prometeu-lhe todo o género de ajuda.

— É filho do conde Iliá Andréévitch? A minha esposa mantinha relações de grande amizade com a sua mãezinha. Às quintas-feiras temos convidados cá em casa; ora, hoje é quinta, então seja bem-vindo, sem cerimónias — disse o governador, despedindo-se dele.

Quando saiu de casa do governador, Nikolai mandou atrelar um cavalo de muda e, levando consigo o vagomestre, foi direito à coudelaria que ficava a vinte verstás da cidade, pertencente ao proprietário rural indicado. Nos seus primeiros dias em Vorónej, foi tudo muito divertido e fácil para Nikolai, correndo tudo bem e tudo se arranjando às mil maravilhas, como sempre acontece quando uma pessoa está bem-disposta.

O senhor com quem Nikolai foi falar era um antigo oficial de cavalaria, solteiro, muito entendido em cavalos e que tinha uma oficina de tapetes; tinha também uma *zapékanka** centenária, um vinho velho húngaro e cavalos maravilhosos.

Nikolai, sem delongas nem grandes conversações, comprou por seis mil rublos dezassete garanhões escolhidos a dedo (como ele dizia), óp-

timos para comprovarem o êxito da sua comissão de serviço. A seguir ao almoço, tendo exagerado um pouco no vinho húngaro, Rostov, depois da troca de beijos com o dono da casa, com quem já se tratava por *tu*, bateu de volta para a cidade por um caminho péssimo; mas o seu estado de ânimo era tão bom que não parava de apressar o cocheiro a fim de ainda chegar a tempo ao serão do governador.

Depois de ter mudado de roupa, de se ter borrifado de perfume e de ter vertido água fria por cima da cabeça, Nikolai apresentou-se em casa do governador, um pouco atrasado mas com uma frase previamente estudada: *vaut mieux tard que jamais*.²⁵

Não estava marcado um baile nem fora dito que iam dançar, mas toda a gente sabia que Katerina Petrovna iria tocar valsas e «escoce-sas» no clavicórdio e que isso puxaria para a dança; por isso, todos os convidados se vestiram como se fossem a um baile.

Em 1812, a vida na província era a mesma de sempre, com a única diferença de uma maior animação na cidade por causa da chegada de muitas famílias ricas de Moscovo e, também, porque em tudo o que acontecia naquele tempo na Rússia se notava uma certa envergadura: dar largas a todos os desejos, tudo ao deus-dará — e também porque, se dantes a conversa era banal e obrigatoriamente sobre o tempo e os conhecidos, agora falava-se de Moscovo, do exército e de Napoleão.

Em casa do governador reunia-se, então, a melhor sociedade de Vorónej.

As senhoras eram muitas, entre elas algumas moscovitas que Nikolai conhecia; dos homens, porém, não havia quem pudesse rivalizar de algum modo com o cavaleiro da Cruz de São Jorge, hussardo em comissão de serviço e, ao mesmo tempo, bondoso e bem-educado conde Rostov. Havia entre os homens um italiano, prisioneiro de guerra — era oficial do exército francês —, e Nikolai sentia que a presença daquele prisioneiro elevava ainda mais o seu prestígio de herói russo. O italiano era uma espécie de troféu. Nikolai sentia-o, e sentia também que toda a gente via o italiano dessa maneira, por isso mostrou-se digno, reservado, mas também carinhoso para com o oficial.

Mal Nikolai entrou, de uniforme de hussardo, cheirando a perfume e a vinho, dizendo as palavras *vaut mieux tard que jamais* e ouvindo-as de volta várias vezes, ficou rodeado de gente; todos os olhares estavam postos nele, sentiu logo que se tornara o favorito de todos na província, coisa que sempre lhe agradara, mas que agora, depois de tão longo intervalo, o embriagava deliciosamente. Não era

²⁵ [...] vale mais tarde do que nunca. (fr.)

somente nas estações de muda, nas estalagens e na oficina de tapetes do latifundiário que as criadas se sentiam lisonjeadas com a sua atenção; aqui, no serão do governador, havia (assim pareceu a Nikolai) um número inesgotável de jovens senhoras e meninas bonitas que esperavam com impaciência que Nikolai lhes desse atenção. Se as senhoras novas e as meninas o coqueteavam, as velhas, desde o primeiro dia, preocupavam-se em casar e fazer ganhar juízo a este hussardo bravo e estroina. Entre as últimas contava-se a própria esposa do governador, que o recebeu como a um parente próximo e o tratava por «Nicolas» e por «tu».

Efectivamente, Katerina Petrovna desatou a tocar valsas e «escocezas», o que proporcionou ao hábil Nikolai a possibilidade de encantar ainda mais a sociedade provinciana. Espantou mesmo toda a gente com a sua maneira particular e desembaraçada de dançar. Nesta noite, ele próprio se sentiu algo espantado com a sua maneira de dançar; é que, em Moscovo, nunca dançava assim e consideraria mesmo inconveniente e *mauvais genre* esta forma demasiado livre de dançar; mas aqui sentia a necessidade de os surpreender a todos com qualquer coisa de extraordinário e que os levasse a pensar que era uma coisa natural nas capitais mas ainda desconhecida na província.

Durante todo o serão, Nikolai não largou de olho uma loira de olhos azuis, rechonchuda e bonitinha, mulher de um dos funcionários provinciais. Com a convicção ingénua dos jovens arrebatados pelo divertimento de que as mulheres alheias tinham sido criadas para eles, Rostov não largava a senhora e tratava o marido dela de forma amigável, com o seu quê de conspiradora, como se, embora não tivessem falado nisso, ambos soubessem como seria linda a intimidade deles, isto é, de Nikolai com a mulher daquele marido. O marido, no entanto, parecia não compartilhar dessa convicção e tratava Rostov com particular soturnidade. Porém, a ingenuidade bondosa de Nikolai era tão infinita que, por vezes, o marido não resistia à boa disposição do oficial. Para o fim do serão, contudo, à medida que a cara da mulher se tornava mais corada e animada, a cara do marido ia ficando mais triste e pálida, como se a carga de animação fosse uma para os dois e, à medida que aumentava na mulher, tivesse de diminuir no marido.

5

Nikolai, com um sorriso que não lhe largava a cara, estava sentado na cadeira, arqueando-se um pouco, inclinado de muito perto sobre a loira e fazendo-lhe cumprimentos mitológicos.

Alternando com agilidade a posição das pernas moldadas por calças de montar justas, cheirando a perfume e admirando a sua dama e a si mesmo e às formas bonitas das suas pernas, Nikolai dizia à loira que tencionava raptar uma dama em Vorónej.

— Mas que dama?

— Encantadora, divina. Os olhos dela — Nikolai olhou para a sua interlocutora — são azul-claros, a boca é de coral, a brancura... — olhava-lhe para os ombros — e a beleza são as de uma Diana...

O marido aproximou-se deles e perguntou sombriamente à mulher do que estavam a falar.

— Ah! Nikita Ivánitch — disse Nikolai, levantando-se cortesmente. E, como que desejando que Nikita Ivánitch tomasse parte nas suas brincadeiras, compartilhou também com ele a sua intenção de raptar uma loira.

O marido sorria com soturnidade, a mulher, com alegria. A bondosa governadora, com um ar reprovador, aproximou-se deles.

— Anna Ignátievna quer ver-te, Nicolas — disse ela, pronunciando o nome «Anna Ignátievna» de uma maneira tal que Rostov percebeu de imediato que se tratava de uma senhora muito importante. — Vamos, Nicolas. Dás-me licença que te trate assim?

— Oh, sim, *ma tante*²⁶. Mas quem é a tal senhora?

— Anna Ignátievna Malvínitseva. A sobrinha falou-lhe de ti, de como a salvaste... Não estás a ver quem é?...

²⁶ [...] minha tia (fr.).

— Ora, salvei tanta gente! — disse Nikolai.

— A sobrinha é a princesa Bolkônskaia. Ela está cá em Vorónej com a tia. Ooh! Coraste! Significa que...

— Nem pensar, deixou-se disso, *ma tante*.

— Está bem, está bem. Oh, este rapaz!

A governadora levou-o até uma velha alta e muito gorda, de coifa azul-clara, que acabava de terminar uma partida de cartas com as personalidades mais importantes da cidade. Era Malvintseva, tia materna da princesa Mária, viúva rica e sem filhos que vivera sempre em Vorónej. Quando Rostov se aproximou, ela já estava de pé, acertando as contas do jogo. A senhora estreitou os olhos com imponência e severidade, olhou para ele e continuou a descompor o general que lhe ganhara.

— Muito prazer, meu caro — disse ela, estendendo a mão a Nikolai. — Serás bem-vindo a minha casa.

Depois de falar um pouco da princesa Mária e do seu defunto pai, de quem Malvintseva, pelos vistos, não gostava, e de lhe perguntar se sabia alguma coisa do príncipe Andrei, que também não gozava dos seus favores, a velha importante deixou-o ir, renovando o convite para ele a visitar.

Nikolai prometeu que iria e voltou a corar quando se despedia de Malvintseva. Quando ouvia o nome da princesa Mária, Rostov experimentava um sentimento de timidez, de quase medo, incompreensível para ele próprio.

Afastando-se de Malvintseva, Rostov quis voltar a dançar, mas a pequena governadora pôs a mãozinha roliça na manga de Rostov e, dizendo que tinha de falar com ele, levou-o para a sala dos divãs, donde saíram de imediato todas as pessoas que lá estavam para não incomodar a governadora.

— Sabes, *mon cher* — disse a governadora com uma expressão séria no seu rosto pequeno e bondoso —, é um partido mesmo bom para ti; queres que ta arranje em casamento?

— Quem, *ma tante*? — perguntou Nikolai.

— A princesa. Katerina Petrovna prefere Lili, mas, a meu ver, não, tem de ser a princesa. Queres? Tenho a certeza de que a tua *maman* ficaria grata. A sério, que menina maravilhosa! E não é tão desengraçada como isso.

— Mesmo nada — disse Nikolai, como que ofendido. — *Ma tante*, eu, como soldado, não imponho nem recuso nada — disse Rostov, sem pensar no que estava a dizer.

— Então, lembra-te: não é brincadeira nenhuma.

— Pois, qual brincadeira!

— Pois, pois — disse a governadora, como se falasse consigo mesma. — E mais uma coisa, *mon cher, entre autres. Vous êtes trop assidu auprès de l'autre, la blonde*²⁷. Até dá pena olhar para o marido, francamente...

— Ah, não, somos amigos — disse Nikolai ingenuamente; não passava pela cabeça de Nikolai que um passatempo tão divertido para ele pudesse entristecer alguém.

«Mas que disparate eu disse à governadora! — lembrou-se de repente Nikolai durante a ceia. — Vai começar a arranjar-me casamento... e a Sónia?...» E, quando se despedia da governadora, ao ouvi-la dizer com um sorriso, mais uma vez: «Então, não te esqueças», chamou-a de lado e disse:

— Verdade seja dita, *ma tante*...

— O quê, o quê, meu amigo? Vamos sentar-nos.

Nikolai, sentiu o desejo e a necessidade súbitos de revelar todos os seus pensamentos secretos (que não revelaria à mãe, à irmã, a um amigo) a esta senhora quase desconhecida. Mais tarde, quando Nikolai recordava este impulso de sinceridade sem motivo, inexplicável, e que no entanto teve para ele consequências muito importantes, parecia-lhe (como normalmente parece a toda a gente), que o fez por nada, que foi um impulso estúpido; esta súbita confissão, a par de outros pequenos acontecimentos, teve no entanto, para ele e para toda a sua família, consequências enormes.

— É o seguinte, *ma tante*. Há já muito que a *maman* me quer casar com uma noiva rica, mas repugna-me a ideia de me casar por dinheiro.

— Oh, sim, compreendo.

— Mas a princesa Bolkônskaia é outra coisa; em primeiro lugar, digo-lhe com toda a sinceridade que gosto muito dela, que me agrada ao coração; além disso, como me encontrei com ela naquela situação, é estranho mas passa-me muitas vezes pela cabeça que é o destino. Veja só: a *maman* há muito que tem esta ideia, mas a mim não calhou vê-la, nunca tive essa ocasião: não nos encontrávamos. E quando Natacha era noiva do irmão, eu nem sequer podia pensar em casar-me com ela. Coincidiu que eu me encontrei com ela precisamente quando o casamento de Natacha tinha sido cancelado, e depois... A propósito, nunca falei disto a ninguém, nem falarei. Só à senhora.

A senhora apertou-lhe o braço com gratidão.

— Conhece Sophie, a minha prima? Amo-a, prometi casar com ela e caso-me... Por isso, bem vê, nem falar se pode daquilo... — assim falava Nikolai, desorientado, corando.

²⁷ [...] meu caro, entre outras. Está a ser muito assíduo ao pé da outra. A loira. (fr.)

— *Mon cher, mon cher*, qual é a tua ideia? A Sophie não tem nada, e tu próprio disseste que a fortuna do teu *papa* está muito mal. E a tua *maman*? Primeiro, isso mata-a. Segundo, a própria Sophie, se tiver coração, que vida terá! A tua mãe desesperada, a casa arruinada... Não, *mon cher*, tu e Sophie têm de compreender isso.

Nikolai calava-se. Agradava-lhe ouvir aqueles raciocínios.

— Mesmo assim, *ma tante*, não pode ser — disse ele com um suspiro, depois de uma pausa. — E também, sabe-se lá se a princesa vai aceitar casar-se comigo? Além disso, está de luto. Será boa altura para se pensar agora nisso?

— E tu estás a pensar que eu te quero casar agora mesmo? *Il y a manière et manière*²⁸ — disse a governadora.

— Mas que casamenteira, *ma tante*... — disse Nikolai, beijando-lhe a mãozinha rechonchuda.

²⁸ Há maneiras e maneiras. (fr.)

6

Chegando a Moscovo depois do encontro com Rostov, a princesa Mária tinha lá à sua espera o sobrinho com o preceptor e uma carta do príncipe Andrei em que os mandava partir para Vorónej, para casa da tia Malvínseva. A preparação da mudança, as preocupações pelo irmão, a organização da vida na casa nova, as caras novas, a educação do sobrinho — tudo isso abafou na alma da princesa Mária o sentimento-tentação que a atormentava durante a doença do pai e depois do seu falecimento, e sobretudo depois do encontro com Rostov. A princesa Mária estava triste. A morte do pai e o choque que esta lhe causou (uma morte que, no seu íntimo, se ligava à morte da Rússia), agora, depois de um mês de vida sossegada, era sentida pela princesa Mária com uma força cada vez maior. Andava inquieta: pensar nos perigos a que estava exposto o irmão, o único ser querido que lhe restava, mantinha-a num sofrimento constante. Preocupava-se com a educação do sobrinho, tarefa em que sempre se sentira uma incapaz; porém, no fundo da sua alma, estava em concórdia consigo mesma, uma concórdia que lhe advinha da consciência de ter abafado em si os sonhos e as esperanças pessoais que o aparecimento de Rostov lhe tinham despertado.

Quando, no dia seguinte ao serão, a governadora chegou a casa de Malvínseva e falou com ela sobre os seus planos (frisando que, apesar da reserva de o pedido formal de casamento ser impensável na actual situação, era sempre possível contribuir para que os jovens se conhecessem melhor um ao outro) e obteve a anuência da tia; e quando a governadora, já na presença da princesa Mária, encetou a conversa sobre Rostov, louvando-o e contando que ele corara quando a princesa Mária fora mencionada, a sensação que atingiu a princesa foi dolorosa, e não feliz: deixou de existir nela a paz interior, renasceram-lhe os desejos, as dúvidas, os remorsos e as esperanças.

Durante os dois dias que se passaram entre esta notícia e a visita de Rostov, a princesa Mária não parou de pensar na maneira como se deveria comportar com Rostov. Ora decidia que nem sequer poria os pés na sala de estar quando ele lá estivesse, até porque, no seu luto pesado, era indecoroso receber visitas; ora pensava que isso ia ser uma grosseria depois do que Rostov fizera por ela; ora lhe passava pela cabeça que a sua tia e a governadora tinham quaisquer planos relativos a ela e a Rostov (os olhares e as palavras que elas trocavam entre si pareciam confirmar tal suposição); ora dizia a si mesma que somente na sua cabeça viciosa poderia haver tais pensamentos sobre as senhoras: elas não podiam esquecer que na sua situação, quando ainda andava com os seus crepes de luto, um tal arranjo casamenteiro seria insultuoso tanto para ela como para a memória de seu pai. Supondo que compareceria na sala, a princesa Mária imaginava as palavras que ele lhe iria dizer e as respostas que ela lhe daria; e, ora as palavras dele lhe pareciam injustamente frias, ora exageradamente significativas. Mais do que tudo receava ficar embaraçada, sentindo no entanto que era inevitável apoderar-se dela o embaraço e que se trairia mal o visse.

Porém, quando, no domingo depois da missa da manhã, o laçao anunciou o conde Rostov na sala de estar, a princesa não se embaraçou; apenas lhe tingiram as faces umas cores ligeiras e os olhos se lhe alumiararam com uma luz nova e radiosa.

— A tia já o viu? — perguntou a princesa Mária em voz calma, estranhando sentir-se assim tão calma e natural.

Quando Rostov entrou na sala, a princesa baixou por um instante a cabeça, como que a dar tempo ao convidado de cumprimentar a tia, e depois, exactamente no momento em que Nikolai se dirigia a ela, levantou a cabeça e enfrentou o seu olhar com os olhos brilhantes. Num gesto cheio de dignidade e graça, e com um sorriso alegre, sorergueu-se, estendeu-lhe a mão fina e terna, e começou a falar com ele numa voz que, pela primeira vez, lhe vinha do peito e soava feminina, nova. *Mademoiselle* Bourienne, que também estava na sala, olhava para a princesa Mária com perplexidade. Nem ela, a mais hábil das *coquettes*, conseguiria melhores manobras no encontro com um homem a quem desejasse atrair.

«Ou lhe fica muito bem o preto, ou ficou realmente muito mais bonita, e eu que não reparei nisso. Mas, sobretudo, esta delicadeza e esta graça!», pensava *Mademoiselle* Bourienne.

Se a princesa Mária estivesse capaz de raciocinar neste momento, surpreender-se-ia ainda mais que *Mademoiselle* Bourienne com a mudança que se fizera nela. Logo que viu o rosto querido, apoderou-se dela uma força nova, independente da sua vontade, que lhe guiava o

falar e o agir. Desde o momento em que Rostov entrou, o rosto dela transfigurou-se de repente. Tal como se revela de súbito na superfície de um lampião talhado mal se acende dentro a luz, com uma beleza inesperada e fascinante, o trabalho artístico complexo e sofisticado que às escuras parecia rude, obscuro e absurdo, assim se transformou o rosto da princesa Mária. Transpareceu-lhe pela primeira vez na cara todo o trabalho íntimo, puro e espiritual com que ela vivia até ao momento. Todo o seu trabalho interior, de descontentamento consigo mesma, os seus sofrimentos, a sua aspiração pelo bem, a resignação, o amor, o auto-sacrifício — tudo isso lhe luzia agora nos olhos luminosos, no sorriso leve, em cada traço do seu rosto terno.

Rostov viu tudo isso tão claramente como se a conhecesse desde sempre. Sentia que a criatura que estava diante de si era diferente, melhor do que todas que tinha encontrado até então, melhor, sobretudo, do que ele próprio.

A conversa corria muito simples e banal. Falavam da guerra, exagerando involuntariamente, como toda a gente, a sua tristeza pelo decurso dos acontecimentos, falavam do seu anterior encontro — aqui, Nikolai tentava desviar a conversa para outro tema —, falavam da bondosa governadora, da família de Nikolai e da família da princesa Mária.

A princesa Mária não falava do irmão: passava de imediato para outro assunto quando a tia referia Andrei. Sentia-se capaz de falar com fingimento das desgraças da Rússia, mas o irmão era-lhe tão precioso que não podia falar dele com ligeireza. Nikolai reparou nisso, como, em geral, com uma perspicácia nada própria dele, reparava em todos os matizes do carácter da princesa Mária, matizes que apenas lhe confirmavam que a princesa era uma criatura especial e extraordinária. Nikolai, tal como a princesa Mária, corava e atrapalhava-se quando, não estando a princesa presente, lhe falavam dela, ou mesmo quando pensava nela; mas, na sua presença, sentia-se completamente à vontade, sem precisar de dizer o que tinha preparado, bastando-lhe exprimir o que lhe passava pela cabeça, sempre a propósito e espontaneamente.

Durante a sua curta visita, Nikolai, num momento de silêncio embaraçoso, socorreu-se, como acontece com toda a gente sempre que há crianças pequenas numa casa, do filho do príncipe Andrei, acariciando-o e perguntando-lhe se queria ser hussardo. Pegou nele ao colo e fê-lo girar alegremente, lançando um olhar à princesa Mária. O olhar dela, enternecido, feliz e tímido, seguia o rapazinho querido nas mãos do homem querido. Nikolai captou aquele olhar e, percebendo-lhe o significado, corou de prazer e pôs-se a beijar a criança com bondade e alegria.

A princesa Mária, por causa do luto, não fazia visitas; também Nikolai achava inconveniente visitá-la; porém, a governadora continuava na sua actividade casamenteira e, tendo transmitido a Nikolai as palavras lisonjeiras com que o brindara a princesa Mária, e vice-versa, insistia em que Rostov se declarasse. Para isso, organizou um encontro entre os jovens em casa do prelado, antes do ofício matinal.

Rostov disse à governadora que não faria qualquer declaração à princesa Mária, mas prometeu ir lá.

Tal como em Tilsitt Rostov não se permitia duvidar se era bom o que toda a gente achava bom, também agora, após uma breve mas sincera luta entre a tentativa de organizar a sua vida de acordo com o seu próprio julgamento, por um lado, e a submissão às circunstâncias por outro, escolheu o último e pôs-se ao dispor daquele poder que (sentia-o) o arrastava insuperavelmente para um lado qualquer. Sabia que, tendo feito a promessa a Sónia, declarar agora os seus sentimentos à princesa Mária era aquilo a que ele chamava uma ignomínia. E sabia também que nunca cometeria uma ignomínia. Também sabia (nem tanto sabia como sentia no seu íntimo) que, entregando-se agora ao poder das circunstâncias e das pessoas que o estavam a dirigir, não só não estaria a fazer qualquer coisa de mau como, pelo contrário, fazia uma coisa muitíssimo importante, tão importante como nunca na vida fizera.

Depois do encontro com a princesa Mária, embora na aparência Rostov continuasse com o seu modo de vida habitual, todos os prazeres anteriores perderam para ele o seu encanto e pensava muitas vezes na princesa Mária; mas nunca da mesma maneira que pensava em todas as outras meninas que encontrava na sua vida, e também sem aquele enlevo em que, durante muito tempo, pensou em Sónia. Como todos os jovens honestos, pensava em todas as meninas como esposas virtuais, imaginando-as em todas as situações da vida conjugal: o roupão branco, a mulher ao lado do samovar, o coche da mulher, os filhos, *maman* e *papa*, as relações deles com a nora, etc., etc., e essas imagens do futuro davam-lhe prazer; mas quando pensava na princesa Mária e no casamento com ela que lhe estavam a organizar, não conseguia imaginar nada de uma futura vida matrimonial com ela. Por mais que tentasse, o resultado era imperfeito e falso. Apenas se sentia apavorado.